

O RECONHECIMENTO DA IDENTIDADE RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

RECOGNITION OF RACIAL IDENTITY IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

Hellen Araujo Queiroz¹, Jady Beatriz Siqueira Alvarenga², Iel Marciano de Moraes Filho³, Ariana Fidelis⁴,
Leila Mendes Araujo⁵, Lidia Mendes de Araujo⁶.

Como citar: Queiroz HA, Alvarenga JBS, Moraes-Filho IM, Fidelis A, Araújo LM, Araújo LM. O reconhecimento da identidade racial na educação infantil. Rev. Cient. Sena Aires. 2018; 7(1): 66-75.

RESUMO

Avaliou-se o transcorrer da construção da identidade de uma criança afrodescendente nas Escolas Brasileiras. Trata-se de uma revisão da literatura científica realizada em abril de 2017 na Biblioteca Virtual em Educação (BVE), Periódicos Capes e o Google Acadêmico por meio dos descritores: Identidade, criança, educação infantil, racista, professor. O estudo fora dividido em três vertentes: 1. A identidade do afrodescendente; 2. Desenvolvimento da Identidade da Criança; 3. O Papel do professor na construção da Identidade da criança afrodescendente. A identidade da criança afrodescendente é construída nas séries iniciais da educação básica, ressaltando assim o papel fundamental em que a escola e os fatores que a compõem, como professores, livros didáticos, e quaisquer outros desempenham nesse processo. O professor deve se preparar para lidar com esses assuntos em sala de aula, e não apenas propagar estereótipos sobre a identidade da criança afrodescendente. Pensando nessa sociedade onde a intolerância, o desrespeito, preconceitos, racismos e discriminações têm estado tão presentes, as escolas e seus professores, são agentes com função mediadora pautam a capacidade de influenciar os cidadãos em processo de formação, assim devem lutar e buscar uma educação igualitária, que seja democrática e cidadã e valorize as identidades das crianças negras. Que essas crianças possam falar, mostrar e "vestir" sua identidade, sem medo e com orgulho.

Descritores: Identidade; criança; educação infantil; racista; professor.

ASBTRACT

We evaluated the construction of the identity of an Afrodescendant child in the Brazilian Schools. This is a review of the scientific literature conducted in April 2017 in the Virtual Library in Education (BVE), Capes Periodicals and Google Scholar through the descriptors: Identity, child, child education, racist, teacher. The study was divided into three strands: 1. The identity of Afrodescendant; 2. Development of the Identity of the Child; 3. The role of the teacher in the construction of the Afrodescendant child's identity. The identity of the Afrodescendant child is built in the initial series of basic education, highlighting the fundamental role in which the school and the factors that compose it, such as teachers, textbooks, and any others play in this process. The teacher must prepare to deal with these issues in the classroom, not just propagate stereotypes about the identity of the afrodescendant child. Thinking in this society where intolerance, disrespect, prejudice, racism and discrimination have been so present, schools and their teachers, are agents with a mediating role are the ability to influence citizens in the process of formation, so they must fight and seek an education egalitarian, democratic and citizenship and values the identities of black children. May these children speak, show and "dress" their identity, without fear and with pride.

Descriptors: Identity, child, early childhood education, racist, teacher.

REVISA

¹Pedagoga. Licenciada em Pedagogia. Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte. Goiânia, GO, Brasil.
hellenzinha2305@hotmail.com

² Pedagoga. Licenciada em Pedagogia. Universidade Estadual de Goiás. Itaberaí, GO, Brasil.
jadyb3@gmail.com

³ Enfermeiro. Mestre em Ciências Ambientais e Saúde. Universidade Paulista. Goiânia, GO, Brasil.
ielfilho@yahoo.com.br

⁴ Psicóloga. Mestre em Psicologia. Secretaria de Segurança pública do estado de Goiás. Goiânia, GO, Brasil.
arianafidelis.a@gmail.com

⁵ Graduação em Pedagogia licenciatura plena. Pós-graduação em Psicopedagogia. Professora Efetiva SEDUCE - Goiânia - GO.
leilams63@gmail.com

⁶ Historiadora. Especialista. Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte. Goiânia, GO, Brasil.
lidia.araujo@seduc.go.gov.br

Recebido em: 08/04/2018
Aceito em: 08/06/2018

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país com riquíssimo conteúdo cultural devido às inúmeras etnias que compõem sua sociedade. Porém mesmo diante dessa pluralidade cultural, o país possui inúmeras desigualdades étnicas. Essa desigualdade se faz presente em diversos aspectos da sociedade: no âmbito educacional, quando, por meio de pesquisas, é mostrado que negros ainda possuem o menor índice de escolaridade; no âmbito social, quando os empregos com remuneração muito baixa e moradias precárias são destinados aos afrodescendentes.¹⁻⁴

Essa desigualdade é resultado de sentimentos como o preconceito e racismo, que acompanham uma identidade negra marcada por estereótipos, construída por uma etnia branca, que se julga melhor e superior.¹⁻⁴

O foco do trabalho é saber como ocorre a construção da identidade de uma criança afrodescendente nas escolas, quais os desafios que essa criança enfrenta nas salas de aulas, sabendo que vivemos em uma sociedade que tenta mascarar o preconceito, o racismo e as discriminações, ignorando essas verdades e silenciando diante dos acontecimentos, que serão discutidos abaixo.¹⁻⁴

MÉTODO

Trata-se de uma revisão da literatura científica realizada em abril de 2017 na Biblioteca Virtual em Educação (BVE), Periódicos Capes e o Google Acadêmico por meio dos descritores: Identidade, criança, educação infantil, racista, professor.

Para a seleção dos artigos utilizou-se como critérios de inclusão o período de publicação entre os anos de 2001 e 2016, no idioma português. Foram excluídos os textos que não tratavam de identidade racial, e as diferentes dificuldades que as crianças negras perpassam na educação infantil. As informações foram confrontadas com base na literatura em vigência.

A Identidade do Afrodescendente

O conceito de identidade tem sido bastante discutido pelas ciências sociais devido a uma maior conscientização das pessoas que integram os grupos dos considerados marginalizados: mulheres, homossexuais e negros. Esses grupos vêm buscando cada vez mais serem vistos, e reconhecidos, e tratados com igualdade de direitos¹⁻⁴

No dicionário digital Michaelis ¹, o termo identidade tem a seguinte definição: “Série de características próprias de uma pessoa ou coisa por meio das quais podemos distingui-las.” Essa definição deixa claro que a identidade é utilizada para distinguir algo ou alguém através de suas características pessoais. A construção da identidade de um indivíduo é um processo que se caracteriza nas expressões de grupos sociais, étnicos, mas que toma características individuais, ditando sua forma de ver e agir no mundo e com as pessoas.

“Identidade refere-se a um contínuo sentimento de individualidade que se estabelece, valendo-se de dados biológicos e sociais. O indivíduo se identifica reconhecendo seu próprio corpo, situado em um meio que o reconhece como ser humano e social. Assim, a identidade resulta da percepção que temos de nós mesmos, advinda da percepção que temos de como os outros nos veem. Desse modo, a identidade é concebida como um processo dinâmico que possibilita a construção gradativa da personalidade no decorrer da existência do indivíduo” ²

A construção da identidade é um processo dinâmico no decorrer de todo o processo de desenvolvimento do indivíduo.

“O caráter dinâmico da identidade não diz respeito apenas a

sua construção histórico-social, pois expressa-se, também, quando se caracteriza a identidade como espécie de complexo de facetas virtuais, que vão se atualizando na teia de relações sociais, a partir de sua manipulação por parte de seu portador, ou dos agentes sociais, sempre em função do contexto ou da situação em que se encontram ou com os quais interagem".³

Nyamien⁴ afirma que existem duas identidades, pessoal e a social. A identidade pessoal trata-se, de algo único e moldado pelo próprio indivíduo, de acordo com a forma que enxerga o mundo e a si mesmo. Já a identidade social é aquela em que o indivíduo, juntamente com sua identidade pessoal, insere-se no mundo e percebe como o mundo o vê, o influencia, e com o que esse indivíduo se identifica. Pensando nisso, Chagas⁵ e Goffman⁷ defendem que para o negro construir sua identidade positiva é preciso conquistá-la em três dimensões interdependentes: a identidade social, identidade pessoal e a identidade do eu – as concepções e sentimentos que o indivíduo adquire em relação a si.

Nyamien⁴ defende a ideia de que a sociedade foi construída baseando-se na ideologia da superioridade da etnia branca, ante a inferioridade da etnia negra, fazendo com que o grupo considerado superior, mesmo na atualidade, procure manter essa superioridade e seu posto de poder sobre o grupo inferiorizado.

É preciso que haja o reconhecimento e a afirmação da identidade negra, pois, tudo que não é reconhecido, ou percebido como diferente, é visto como: inferior, estranho e incomum.²

Essa visão deturpada da etnia negra ser inferior e que os brancos como etnia dominante lança uma dificuldade no próprio negro no processo de formação da identidade, fazendo com que surja a necessidade de "embranquecer", negando ou ocultando sua cultura, tentando se assemelhar ao máximo com o grupo considerado superior, muitas vezes até mesmo propagando, ele mesmo, mais preconceito dentro do grupo ao qual pertence, numa tentativa de fugir de perseguições e situações que são obrigadas a passar diariamente devido a sua cor. Nyamien⁴ defende que essas ideias, favorecedoras de uma etnia, uma cultura sobre a outra, refletem claramente a existência desse imaginário coletivo carregado de noções preconceituosas e negativas sobre os negros: eles são julgados de antemão simplesmente pela cor da pele, e essa fato interfere e confunde mais ainda a formação de uma identidade positiva.

Pelo fato de negros muitas vezes tentarem negar sua etnia, a teoria do branqueamento se mostra existente quando muitos negros não se consideram negros, mas sim mestiços, morenos, e surge até mesmo termos como "bronzado", mostrando então uma tentativa de se aproximar da cor branca.

Existe uma certa dificuldade em discutir as relações étnicas no território brasileiro, e que esse está envolto "em um manto de democracia racial", o que não pode ser verdade, pelo fato do Brasil ser um país com tanta exclusão social e uma diversidade étnica tão grande. E é comum diante de situações preconceituosas o sujeito que as sofre tentar se afastar ou ignorar a situação, numa tentativa de se proteger e negar aquilo.

"A ideia de que vivemos numa democracia racial é resistente e, portanto, é difícil de enfrentar e lutar contra esse mito, visto que essa realidade é aceita pela sociedade. Podemos considerar o racismo como elemento arraigado no nosso comportamento, porque faz parte da tecnologia de poder utilizada na sustentação da sociedade normalizadora em que vivemos. O racismo é um sistema de dominação, tem um caráter ideológico. Atuando no sentido em que o próprio afrodescendente introjeta a ideia de inferioridade, levando-o na ação cotidiana, a buscar um afastamento do seu grupo de origem e uma aproximação

com o outro considerado o tipo ideal – branco”.⁴

Moura⁷questiona também a existência da ideologia da democracia racial, afirmando que em um país como o Brasil, onde não se tem plena e completa democracia social, política, econômica e cultural, não se pode ter uma democracia racial. E que essa ideologia é um instrumento utilizado pela hegemonia branca para mascarar e ignorar todo o brutal processo de discriminações que o Brasil e sua população sofrem.

[...] uma fachada despistadora que oculta e disfarça a realidade de um racismo tão violento e destrutivo quanto aquele dos Estados Unidos ou da África do Sul. [...] Não se resolvem problemas utilizando-se o método do avestruz: o método de ignorar a realidade concreta metendo a cabeça na areia.⁸

A identidade negra não surge apenas da tomada de consciência de uma diferença na cor da pele. Acredita-se que a construção da identidade acontece juntamente com um longo processo histórico que se inicia com a chegada dos navegantes portugueses ao continente africano (...) a identidade negra é entendida, aqui, como um processo construído historicamente em uma sociedade que padece de um racismo ambíguo e do mito da democracia racial. Como qualquer processo para a construção da identidade, ela se constrói no contato com o outro, na negociação, na troca, no conflito e no diálogo; (...) ser negro no Brasil é tornar-se negro.

Em outras palavras, assumir-se negro é um ato político: trata-se de tomar para si a história e cultura do grupo, suas raízes, suas lutas. “A construção da identidade, assim como a construção da própria vida, é movimento incessante, é exercício cotidiano, é ato político”.⁴

Diante desses fatos, é possível perceber que a construção da identidade para o negro acaba sendo um processo mais complexo, sendo indispensável que o indivíduo tenha onde tirar apoio e base, influências positivas e negativas, para seu crescimento como pessoa. É onde surge a importância da família como primeiro objeto influenciador, dos amigos como influências diárias, da escola como um local privilegiado para se construir e evoluir a identidade do indivíduo e do professor como mediador de todo esse processo.

É também quando entra a importância do respeito e da identificação das identidades, da importância de se reconhecer no outro como igual, porém, sem deixar de ver as diferenças de cada um, principalmente em um país como o Brasil, com tantas raças e culturas diferentes.

Desenvolvimento da Identidade da Criança

Mesmo ainda no útero a identidade da criança já está sendo formada, devido à forte ligação entre a mãe e o bebê. A criança sofre a influência dos pais diretamente. Mas, toda a sua ancestralidade irá influenciar na identidade que está sendo construída, mesmo que inconscientemente, pois, a cultura de seus antepassados está inserida em seu cotidiano, como também o contexto social.

Para as crianças, o que vale são os exemplos e as experiências vividas, elas irão espelhar suas próprias atitudes em seus pais e nos modelos de outros adultos.

Neste sentido, cada elemento que a criança encontra no decorrer de sua vida poderá deixar alguma marca em sua história. A “identidade é metamorfose, um processo de constituição do eu que promove constantes mudanças pelas condições sociais e de vida que o indivíduo está inserido.”⁹

Nenhum ser humano está completamente livre de preconceitos, porém, se a criança cresce em uma família onde esses assuntos são ignorados, ou são ensinados de forma distorcida, a criança tende a crescer com essa ideia ligada a sua moral e suas atitudes.

A construção da identidade da criança afrodescendente na escola

Desde 1988, a Constituição Brasileira reconhece o direito à educação para crianças menores de sete anos:

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; [...] IV - educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade.¹⁰

E o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8096/91), lhes assegura

Art. 15. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade;

Art. 53. [...] direito de ser respeitado por seus educadores;

Art. 58. No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura.¹¹

É, então, papel da escola como instituição educadora, assegurar que as diferenças de etnia, religião, gênero e classe social sejam respeitadas. E também o acesso a todas elas em um sinal de reconhecimento, mostrando que não há uma melhor ou superior que a outra. Cabe à escola propiciar experiências socializadoras de que somente a família não é capaz, pois a criança terá um contato com diferenças que não existem no seu grupo familiar.

A escola deve apropriar-se de sua própria identidade, para então poder lidar com a identidade de seus alunos, o que também é um processo complexo porque, a escola passa por uma “esquizofrenia pedagógica”, devido às muitas identidades que lhe são atribuídas. A identidade burocrática, que a legislação impõe, e a identidade idealizada, que é como a própria escola se vê.

Surge então a necessidade de trabalhar a questão dos limites entre o individual e o social, respeitando sua singularidade e individualidade. A escola é um grande agente influenciador na construção da identidade em todos os aspectos que a compõem: professores, alunos, os livros, atividades realizadas e até mesmo a decoração das salas e corredores do ambiente escolar.

O silêncio pedagógico que muitas vezes a criança negra sofre no contexto escolar como por exemplo, a exclusão da história luta dos negros, a ascensão do ideal da cultura branca, torna difícil para essa criança negra se reconhecer em qualquer modelo que a escola apresente, o que pode gerar sensação de exclusão.

O reconhecimento positivo das diferenças deve ser estimulado desde os primeiros anos de vida. E esse é também o papel da escola, desde as séries iniciais, porém, a questão racial na maioria das vezes é simplesmente ignorada. Cavalleiro² defende a noção de que os temas etnia e racismo são muito pouco, ou quase nada, discutidos nas escolas, o que impede uma boa relação étnica entre os indivíduos ali presentes. Ignorar essa existência das diferenças raciais pode passar duas ideias, e todas elas negativas. A primeira é de que se não é falado, é porque não é algo que valha a pena ser discutido, e a segunda, a de que a etnia negra é de fato inferior, portanto, não precisa ser mencionada.²

O sistema formal de educação é, muitas vezes, desprovido de elementos propícios à identificação positiva de alunos negros com o sistema escolar. Oliveira e Bernardes aponta que para tratar de identidade étnico-racial na escola, é preciso contextualizar a realidade da criança com o que é visto e utilizado em sala de aula, seja em situações ou materiais, e que para isso é preciso apropriar-se do que é produzido sobre o tema.¹²

A ideologia do branqueamento surge mesmo nos livros didáticos, onde, os negros são pouco representados e quando acontece, são colocados em papéis de pouco destaque ou imagens negativas, reforçando estereótipos, e impedindo uma educação inclusiva e democrática. Essas representações atribuem ao negro sempre o papel de empregado, ou o de escravo, mas nunca em uma situação de poder ou destaque o uso frequente dessa imagem passa uma mensagem para a criança negra: aquele é o único papel que ela será capaz de exercer.¹²

É preciso que as escolas desenvolvam ações pedagógicas que combatam o racismo, o preconceito e as discriminações. Mesmo na Educação Infantil, são expressivos os elementos de racismo, sejam eles, os materiais pedagógicos ou noções deturpadas de identidade e expressividade, assim como valores culturais da população africana.

É preciso que haja maior sensibilidade por parte das escolas em investir na formação de seus professores sobre diversidade étnica-cultural, para que a prática do silêncio seja substituída pela prática do reconhecimento, e que os professores saibam lidar com a temática da construção da identidade afrodescendente, principalmente na Educação Infantil, que é onde se dá a base para a formação de um indivíduo, utilizando de todos os materiais disponíveis para isso.

O papel do professor na construção da identidade da criança afrodescendente

O fato da identidade ser construída e moldada nas relações sociais faz-se necessário que essas relações sejam vistas com muito cuidado, sempre levando em conta as influências e marcas que a criança poderá interiorizar por meio delas.

Por esse motivo, o papel do professor nessa fase é de extrema importância, pois, caberá a ele mediar o processo da construção de identidade e saber lidar com os obstáculos que surgirão. O educador atuante nessa fase deve promover situações em que a criança reconheça suas particularidades, mas que saiba conviver com as particularidades das outras crianças.

Não apenas a formação deve ser considerada, mas também a postura do professor em sala de aula. Esse deve estar sempre disposto a trabalhar para alcançar todas as crianças com as quais trabalha diariamente, sem as diferenciar por qualquer aspecto, procurando ser o exemplo moral e ético de que a criança precisa.

As crianças nem sempre percebem quando ocorre uma situação de discriminação entre os próprios professores, porém, isso não significa que essa discriminação sofrida não possa ser assimilada em estereótipos negativos, seja pela criança negra ou branca.

Na ideologia da democracia racial, muitas vezes é negada a existência do racismo por parte dos professores, pois eles não falam sobre o assunto. Mas ignorar o assunto não faz com que ele deixe de existir e, menos ainda, não impede que a criança negra sofra discriminações.

Muitas vezes, por ser tão comuns e “silenciosas”, as discriminações passam até mesmo despercebidas pelos professores e pelos alunos que as cometem. Professores em sala de aula defendem a posição de que há sempre uma boa convivência multiétnica entre as crianças, ignorando mais uma vez o problema. Por falta de preparo dos profissionais em sala de aula, esses acontecimentos que estão diante deles são ignorados, tornando impossível tratar o tema de forma saudável. Com essa atitude indiferente dos professores, a criança que sofre o preconceito e a discriminação, muitas vezes, nem mesmo relata ao professor o ocorrido, pois sabe que esse não lhe prestará auxílio.

A criança precisa de modelos e representações para seguir, para poder desenvolver sua própria identidade, o seu próprio “ser”, e ela vê muitas vezes os professores como esse modelo. Espera-se que a escola seja o local onde a criança possa estruturar de forma mais sólida o que deveria ter sido iniciado em casa: a consciência étnica, cultural e social.

A questão racial não deve ser ignorada pelos professores, e principalmente, começar das formas simbólicas que homens, mulheres, crianças, jovens e adultos negros usam para construir sua identidade dentro e fora do ambiente escolar.

Gomes¹³ defende a noção de um desafio que cabe ao professor superar, compreender a complexidade da construção da identidade negra, sem deixar de considerar o corpo e a estética em tudo que ela aborda, desde o cabelo, até quem sabe, a forma de se vestir, pois, o corpo e o cabelo são linguagens que podem representar toda uma cultura. É essa interferência do professor que vai fazer a diferença sobre desfazer os estereótipos negativos já impostos às crianças, substituindo-os por uma representação positiva.

Promover uma educação para o entendimento das diferenças étnicas, livre de preconceitos, representa uma possibilidade real da formação de sujeitos menos preconceituosos nas novas gerações [...] Tal prática pode agir preventivamente no sentido de evitar que pensamentos preconceituosos e práticas discriminatórias sejam interiorizados e cristalizados pelas crianças, num período em que elas se encontram muito sensíveis às influências externas, cujas marcas podem determinar sérias consequências para a vida adulta.²

O trabalho com essas formas simbólicas e representativas não só serve para expor a todos a beleza e os aspectos positivos que compõem a identidade negra, como também ajuda as crianças a tratarem todos com igualdade, levando em conta as diferenças e respeitando-as, para que talvez assim eliminem cada vez mais as desigualdades e a violência acarretadas pelo preconceito.²

Lei 10.639/2003 e a Formação do Professor

A Lei nº 10.639/2003 faz parte de um longo processo que vem ganhando cada vez mais força e espaço, na busca por uma educação mais democrática que combata o preconceito e as discriminações, que contribua para que a cultura afrodescendente seja vista com orgulho e dignidade. Ela estabelece a obrigatoriedade da inclusão no currículo do ensino básico de História e da Cultura Afro-brasileira, e tem como objetivo a contribuição de eliminação dos preconceitos e valores racistas, promovendo desta maneira um maior conhecimento sobre a História, luta e formação cultural do país, enfatizando os africanos trazidos ao Brasil como escravos e seus descendentes.¹³

É comum nas salas de aulas ensinar que o Brasil foi descoberto pelos portugueses, e que os africanos contribuíram apenas com a mão de obra escrava na construção do país. Sabe-se que 54 % da população brasileira são de negros (IBGE, 2015), porém, sendo que perfazem 17% dos mais ricos e três quartos da população mais pobre e ainda existe um profundo desconhecimento, desrespeito e ignorância da relação e da influência que a cultura africana teve nos costumes e cultura brasileira.¹⁴

Foi com a promulgação da Constituição Brasileira de 1988 que esse aspecto de ignorar a cultura africana, seu papel e influência na cultura brasileira começou a ser mudado¹⁰. O Art. 5º da Constituição Federal defende que

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.¹⁰

Porém, mesmo com essas mudanças, a relação étnica racial no país continuava precária, e o reconhecimento da cultura afro-brasileira permanecia na mesma situação, cercado por discriminações e estereótipos negativos.

O Parecer do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno - CNE/CP 03/2004, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais - DCN's para a Educação

das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana em caráter Nacional e nos Estados da Federação, prever um importante avanço para implantação do estudo étnico racial, no país, com a inclusão da temática africana no currículo escolar.¹⁵

É importante que ocorra o processo de reconhecimento, respeito e integração cultural nas escolas, sendo, o Brasil um país com uma enorme diversidade cultural, diante as constantes mudanças no mundo é preciso priorizar a formação contínua de professores, bem como o aperfeiçoamento do currículo.¹⁵

A formação dos professores é um tema tão importante, espera-se que eles alcancem o patamar imposto pelo sistema, pelo governo, mas não recebem base ou apoio para isso, já que são os profissionais mais diretamente envolvidos com os processos e resultados da aprendizagem escolar.”¹⁶

Não é só incumbido ao professor ensinar conteúdos escolares, como português e matemática, mas também, ajudar os alunos a tornarem-se sujeitos pensantes, capazes de apropriação crítica da realidade. Dessa forma, é necessária uma educação que busque criar sujeitos críticos, cientes de seu papel político, para que a futura geração não seja de jovens que aceitam tudo aquilo que é imposto pelas grandes mídias sem contestar.

Libâneo defende a ideia que diversos estudos têm apontado os problemas de formação inicial e continuada do professor, e criticado a rigidez curricular e metodológica dos cursos de formação e o desligamento da prática.¹⁶

A formação do professor é objeto indispensável para mediar o processo educacional e também no auxílio da construção da identidade da criança de forma eficaz, pois um professor com conhecimentos de diversidade étnico-cultural terá um leque maior de métodos para abordar o assunto de diferentes etnias, de culturas e outras. Um professor que entende da História do Brasil, de como o negro foi trazido, de sua luta com a vinda até a América, o reconhecimento de que a história do negro vai muito além apenas da escravização, vai ter uma capacidade maior de mostrar a identidade negra como algo positivo, da importância que o negro desempenhou no Brasil Colônia e desempenha até hoje.¹⁶

A formação docente tem se mostrado um desafio constante para o avanço profissional e para o aprimoramento educacional. Mesmo com a democratização do ensino pela qual a educação brasileira passou, ainda são enormes as dificuldades em relacionar a diversidade e a formação do docente. Um desses problemas está nos cursos superiores de licenciatura, onde, algumas vezes são ensinados apenas os conteúdos básicos e essenciais específicos para a área.

Durante a formação inicial e continuada, é preciso instigar o lado investigador do professor, pois esse não pode se tornar apenas um reproduzidor de atividades já prontas, tornando sua prática educativa algo mecânico que não atinge verdadeiramente seus alunos. Para isso é necessário que o docente investigue e adote práticas de pesquisas, que busque a “compreensão dos processos de aprendizagem e desenvolvimento de seus alunos e a autonomia na interpretação da realidade e dos conhecimentos que constituem seu objeto de ensino.”¹⁵ Além do fato de que a prática educativa não é algo congelado no tempo, ela vem sempre mudando e, portanto, são necessárias pesquisas e adaptações para essas mudanças.¹⁵

Em sala de aula, é papel do professor possibilitar ao aluno o domínio dos conteúdos escolares de determinada área, mas para que isso aconteça de uma forma satisfatória, é preciso que o educador também tenha se apropriado de forma completa dos conteúdos a serem ministrados. Os cursos de formação básica para a formação de professores, muitas vezes, não oferecem a base adequada para uma atuação profissional de alta qualidade. Assim, a necessidade de uma educação continuada surge tanto de forma compensatória quanto para aprofundamento e atualização dos conhecimentos.

A formação continuada é um assunto relativamente novo que se intensificou na década de 80. Ela assume diversos modelos, desde cursos rápidos até os mais extensos.

Por mais que muitas vezes a formação continuada adote o caráter compensatório por uma educação inicial de baixa qualidade, a sua importância e seu valor não devem ser ignorados, pois ela traz consigo a vontade de aprimoramento e constante reflexão das práticas educativas e a ampliação de conhecimentos técnicos.

A formação continuada dá o respaldo teórico para que o educador renove e desenvolva seu trabalho. É ela que possibilita ao educador aquisição mais específica sobre conteúdos, pois o leva a reestruturar e intensificar conhecimentos adquiridos na formação inicial, tornando-o mais capacitado para as exigências que a sociedade lhe impõe, transformando então a prática docente mais significativa e profunda. A educação continuada é o caminho para uma educação de qualidade no ensino público, resultando em novos conhecimentos para um trabalho com maior êxito, melhorando a prática docente e formação profissional em todos os sentidos.

Essa exigência da sociedade faz com que a formação continuada não seja apenas necessária para uma melhor educação, mas também para satisfação pessoal do profissional. O professor se torna mais reflexivo e assim capaz de lidar com diversos desafios que possam surgir em sua vida, profissional ou pessoal.

CONCLUSÃO

O estudo teve como objetivo clarificar como é a identidade da criança afrodescendente construída nas séries iniciais da educação básica, o papel da escola e os fatores que a compõem.

O objetivo escolar educacional e desenvolver uma educação igualitária, que respeite e reconheça as diferenças das crianças e para as crianças, é importante, assim como é o dever dos profissionais da educação, da escola e do governo.

Quanto mais novas, mais as crianças são abertas ao aprendizado e a influências, sejam negativas ou positivas, portanto, é também dever do professor educar ensinando o respeito ao diferente, mostrando que as diferenças não fazem um sujeito melhor ou superior que o outro, e essas diferenças é que nos fazem tão especiais e únicos.

O silêncio perante as situações de violência devido às diferenças étnicas só reforça esse sentimento de superioridade da etnia branca, criando uma falsa ilusão de um relacionamento étnico saudável em sala de aula. Ignorar o preconceito, o racismo e as discriminações não é a solução, não vai fazer com que as atitudes desapareçam ou deixem de acontecer. O contrário, só fará com que aumente e deixe o indivíduo que sofre a agressão com sentimento de inferioridade e insegurança, sentido que não tem nem mesmo o direito de lutar contra essas atitudes, provocando aí outro silêncio. Isso ocasiona estresse movido pelo sofrimento moral que é originado por comunicantes no conviver educacional, podendo oportunizar o desenvolvimento de patologias de caráter psicológico, levando a uma maior possibilidade de isolamento social.

A educação é o primeiro passo para criar uma geração de pessoas livres de preconceitos, que reconheçam na diferença do outro, não algo para ser temido ou odiado, mas sim uma história de ancestralidade tão rica em cultura e importância quanto a sua, que reconheça a diferença e a respeite.

Não vai ser de um dia para o outro que esse respeito irá nascer, por isso é preciso que os professores estejam sempre atentos à forma com que educam, busquem diariamente mostrar a importância das diferenças, do reconhecimento da diversidade étnica e do quanto essa discriminação pode acarretar males na sociedade e na consciência das crianças que interiorizam esses sentimentos que podem causar marcas e feridas profundas até a vida adulta.

Para que o professor esteja realmente preparado para lidar com esses assuntos em sala de aula, e não apenas propague mais estereótipos sobre a identidade da criança afrodescendente, é importante que tenha uma formação adequada e de qualidade, que não se limite apenas à educação inicial que muitas vezes propicia apenas conhecimentos específicos de uma área.

Essa formação inicial e continuada para o professor precisa estar contextualizada com a realidade do país, pois a educação não acontece apenas na sala de aula. A escola é peça importante na sociedade, portanto, ela precisa estar relacionada com tudo o que acontece nela.

A diversidade é um assunto polêmico da nossa geração, pois ela vem sendo a causadora de muitas atitudes violentas, que terminam até mesmo em mortes, tornando então a diversidade e o preconceito que anda lado a lado com ela um problema que precisa ser trabalhado nas escolas.

Pensando nessa sociedade onde a intolerância, o desrespeito, preconceitos, racismos e discriminações têm estado tão presentes, as escolas e seus professores, como agentes mediadores e influenciadores, devem lutar e buscar uma educação igualitária, que seja democrática e cidadã e valorize as identidades das crianças negras. Que essas crianças possam falar, mostrar e “vestir” sua identidade, sem medo e com orgulho.

REFERÊNCIAS

1. Identidade, Michaelis On-Line. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/identidade/>>. Acesso em: 18 fev 2018
2. Cavalleiro ES. Do silêncio do lar ao silêncio escolar. São Paulo: Contexto; 2000.
3. Pereira J - A criança negra: identidade étnica e socialização. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1268/1270>>. Acesso em: 18 fev 2018.
4. Rodrigues FGN. Educação e identidade étnico-racial. 1º Simpósio Nacional de Educação; XX Semana da Pedagogia . Cascavel - PR - Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Disponível em: <<http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2008/1/Artigo%2071.pdf>>. acesso em: 18 fev 2018.
5. Corrêa CC - Negro, uma identidade em construção : dificuldades e possibilidades. Petropolis: Voces; 1997.
6. Goffman E - Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
7. Moura C - Dialética radical do Brasil negro.
8. Negros de Cedro: estudo antropológico de um bairro rural de negros em Goiás / Mari de Nasare Baiocchi; Disponível em: <<https://trove.nla.gov.au/version/26078184>>. Acesso em: 18 fev 2018
9. Ciampa A - A estória do Severino e a história da Severina. São Paulo: Editora Brasiliense; 1993.
10. Brasil. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal; 1988.
11. Brasil. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069/90, de 13 de Julho de 1990. Brasília, DF: Senado Federal; 1990.
12. Oliveira M, Meneghel S, Bernardes J. Modos de subjetivação de mulheres negras: efeitos da discriminação racial. *Psicol Soc.* 2009;21(2):266-74.
13. Brasil. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Brasília, DF: Senado Federal; 2003.
14. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: negros são 17% dos mais ricos e três quartos da população mais pobre. Agência Brasil - Últimas notícias do Brasil e do mundo. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/ibge-negros-sao-17-dos-mais-ricos-e-tres-quartos-da-populacao-mais-pobre>>. Acesso em: 18 fev 2018.
15. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília, DF: Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Ministério da Educação; 2004.
16. Libâneo JC. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. *Educ. Pesqui.* 2012;38(1): 13-28.